

Ave Maria Expositio

MUSA
BIBLIOTECA DO REINO
VOLUME 12

SANTO TOMÁS DE AQUINO, OP
Doutor Angélico

Ave Maria Expositio

Comentário à Ave Maria

In Salutationem Angelicam Expositio



Apresentação

D. Estêvão Tavares Bittencourt, OSB

Tradução do texto latino, Introdução e Notas

Omayr José de Moraes Junior

MUSA

EDITORA

2010

TÍTULO ORIGINAL LATINO
In Salutationem Angelicam Expositio

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Teco de Souza

REVISÃO
Vinícius de Melo Justo

EDIÇÃO
Ana Cândida Costa

*Este livro foi editado de acordo com a
Nova Ortografia da Língua Portuguesa.*

Ficha Catalográfica

Tomás, de Aquino, Santo, 1225?-1274.
T655c Comentário à Ave-Maria: Ave Maria Expositio / apresentação de
Estevão Tavares Bittencourt; tradução do texto latino, introdução e notas de Omayr
José de Moraes Junior. – São Paulo: Musa, 2010.
128 p.; 21 cm.

ISBN 978-85-7871-009-5

CDD-18.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Maria - Santa. 2. Ave Maria - Oração. 3. Saudação Angélica. I. Bittencourt,
Estevão Tavares. III. Moraes Junior, Omayr José, trad. IV. Título.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

MUSA
EDITORA

MUSA EDITORA
Rua Bartira, 62/21
05009 000 São Paulo SP
Tel/Fax (5511) 3862 6435
www.musaeditora.com.br
musaeditora.com.br/blog
loja.musaeditora.com.br
Twitter @MusaEditora

Impresso no Brasil, 1ª edição revista, 2010

SUMÁRIO

- 09 *Introdução*
- 29 Tradução
- 57 Notas
- 90 Complemento das notas
- 114 Abreviaturas
- 115 Bibliografia
- 117 Índice de ilustrações



APRESENTAÇÃO

 piedade mariana, muito cara aos fiéis católicos, esteve em crise logo após o Concílio Vaticano II (1962-1965): verificou-se então que se distanciava da sua fonte bíblica e se entregava a sutilezas de um fervor mal orientado. O Concílio, na Constituição *Lumen Gentium*, elaborou uma síntese mariológica, que foi o brado de volta às fontes e muito contribuiu para a renovação da devoção mariana ocorrente nos últimos anos.

Bons estudos de Mariologia têm sido publicados, entre os quais se coloca o que ora apresentamos. Este é de estilo singular. Faz-nos voltar à Idade Média, à época das grandes catedrais e das volumosas Sumas Teológicas. O seu autor – Santo Tomás de Aquino – não era somente professor universitário, mas também era pregador. E precisamente um dos sermões do Santo é o *Comentário à Ave-Maria*. Foi com esmero traduzido do latim para o português por um valioso latinista, que soube dar uma forma literária agradável às considerações escolásticas do Mestre. Além disto, antepôs ao texto de Santo Tomás algumas páginas que reconstituem o ambiente no qual o Santo viveu e ensinou, páginas muito interessantes por-

que transmitem ao leitor concepções e quadros de vida desconhecidos ao homem moderno. Ao texto do Doutor Angélico o tradutor acrescentou seus comentários pessoais sobre o pecado original, o mistério da Encarnação, a vida una ou indivisa... Inspirados nas mais puras fontes da fé católica, visa assim a proporcionar ao leitor "um Encontro que se perfaz em meio às vicissitudes, alegrias e esperanças de nossa peregrinação" (p. 26).

O autor da obra assim arquitetada merece apoio e estímulo: continua a trazer para o acervo cultural de nossos dias as joias da cultura clássica.

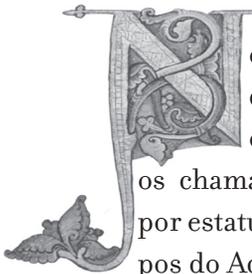
Quanto ao presente livro de reflexão mariológica, sejam citadas as palavras de D. Boaventura Kloppenburg: "De Maria os discípulos de Cristo recebem o sentido e o gosto do louvor perante a obra das mãos de Deus: 'O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas' (Lc 1, 49): Aprendem que estão no mundo para conservar a memória dessas maravilhas e vigiar enquanto aguardam o dia do Senhor!" (*Colheita na Vetustez*, p. 309).

D. Estêvão Bettencourt, OSB

INTRODUÇÃO

*A fecundidade da Virgem é uma glória incomparável:
tão grande e singular privilégio a eleva acima dos anjos,
porque a missão de um mensageiro não tem a comparação à de uma mãe.*

SÃO BERNARDO, In *Nativitate Beatæ Mariæ*, 12



No século XIII, um dos encargos dos mestres de Teologia era a pregação: pregar aos alunos e pregar também ao povo. Na universidade, os chamados “sermões magistrais” eram regulados por estatuto e distribuídos principalmente pelos tempos do Advento e da Quaresma. Em Paris, onde Santo Tomás de Aquino (1225-74) exerceu dois magistérios, como bacharel sentenciário (1252-56) e como mestre-regente (1268-72), os estudantes de Teologia deviam pregar antes mesmo da obtenção da licença¹, sendo-lhes exigida competência efetiva para alcançarem o respectivo grau acadêmico. Costume semelhante havia nas universidades de Bolonha e Oxford. Para os já graduados, uma comissão de mestres se encarregava de designar os sermões que deveriam fazer ao longo do ano². Se houvesse algum impedimento no dia previsto,

1 H. Denifle e E. Chatelain. *Chartularium Universitatis Parisiensis*. Paris: 1891. Reimpr. Bruxelles: Culture et Civilisation, t.II, p.705, n.1190, 1964.

2 *Idem* p.703, n.1189.

era preciso que providenciassem um substituto. Havendo lecionado por quase vinte e cinco anos, Santo Tomás, professor universitário e até muito mais do que isso, por certo não se privou desse ofício, na verdade a “graça da pregação”, razão de ser da Ordem na qual ingressara por volta de seus vinte anos. Já ao assumir canonicamente sua cátedra de Teologia pela obtenção da *licentia docendi* em 1256, na lição inaugural proferida ante seus novos pares³, aquele que passaria à História como o “Doutor Angélico” assinalava que, aos mestres em Sagrada Doutrina, como mais comumente então se chamava a Teologia, competia o tríplice ofício de ensinar, presidir os debates universitários e pregar.

Na universidade medieval, ensinar significava antes de tudo “ler”, isto é, comentar detalhadamente um texto. Nesse ler compendia-se quase toda a investigação intelectual daqueles tempos. Lia-se em voz alta; e, de fato, até hoje sobrevive a expressão “ano letivo”. No jargão da época, “ouvir alguém” significava ser discípulo ou seguidor de algum mestre. Sendo poucos e caros os livros disponíveis, ouvir e saber ouvir eram arte indispensável. Do próprio Santo Tomás, quando pequeno oblato bene-

3 Princípio *Rignans Montes*, segundo reportagem de Frei Pedro de Ândria. O “princípio” era uma alocução que inaugurava o ano acadêmico. Chamava-se também de “prólogo” ou “intróito” (*Arch. Franc. Hist.* 74, p.128-29, 1981), e seguia uma estrutura semelhante à dos Sermões e, por isso, eram catalogados juntamente com estes.

ditino em Montecassino (1230-39), diz-se que se aplicava em memorizar as aulas do dia, *cotidie, quae a magistro dicebantur, memoriae commendabat*⁴. Na faculdade de Teologia, a Bíblia – também chamada de página sagrada, divina, santa ou celestial – era o livro por antonomásia: interpretá-la e interpretar seus intérpretes produziu uma hermenêutica surpreendentemente sofisticada. Embora seja verdade que a maioria dos comentadores se manteve dentro de um quadro mais rotineiro de exposição, outros, porém, lançaram-se num verdadeiro enciclopedismo. Rolando de Cremona (†1259), o primeiro dominicano a reger uma cátedra de Teologia em Paris (1230), valeu-se de conhecimentos de Astronomia e de Medicina na exposição que fez ao livro de Jó.

À semelhança de seus contemporâneos, Santo Tomás entendia o ministério da Palavra como um natural prolongamento do ensino. Com efeito, os vastos comentários bíblicos então produzidos visavam não só à instrução e à ciência teológica, mas costumavam oferecer subsídios para a *lectio* divina e a pregação. Não raro os comentários vinham acompanhados de breves conferências destinadas tanto à meditação como à aplicação pastoral. Em torno disso, a ênfase dada à pregação popular originou

4 Pedro Calo. *Vita Sancti Thomae Aquinatis*, c.3. In: Prümmer, D. (Ed.). *Fontes vitae S. Thomae Aquinatis notis historicis et criticis illustrati*, Fasc. 1: Saint-Maximin (Var), p.19, 1911.

e fomentou uma rica literatura totalmente voltada para o melhoramento dos sermões. Codificando o chamado “sermão moderno”, as *Artes Praedicandi* que àquela altura se escreveram atestam a importância que se dava ao assunto. Restam-nos ainda hoje cerca de duzentos manuais, como o *De eruditione praedicatorum*, de Humberto de Romans (†1277). Nas obras desse gênero, enfatiza-se a necessidade de uma pregação atraente. Concordâncias de assuntos, coleções de “exemplos”, regras para a divisão de textos e elementos de oratória, nada faltava aos pregadores. Notáveis são as séries de sermões-modelo dirigidos a todos os estados de vida, *sermones ad status*, que valorizavam as reais condições dos ouvintes – por exemplo, o estado matrimonial. Nem mesmo as crianças eram esquecidas. Numa circular endereçada ao Capítulo dominicano reunido em Strasburgo (1269), o mesmo Humberto de Romans, Mestre da Ordem (1254-77), alegava-se que os frades pregassem “ao povo e aos magistrados, aos sábios e simples, aos religiosos e seculares, aos clérigos e leigos, aos nobres e camponeses, ao pequeno e ao grande”. Humberto talvez retivesse na memória as palavras de Santo Agostinho (†430) em seu *Enchiridion*, onde se lê que Deus quer salvar gente de todos os meios: “nobres e plebeus, doutos e ignorantes (...) gente de todas as línguas, costumes, afazeres e profissões”⁵. Ao

5 XXVII, 103: PL 40, 280.

Doutor da Graça, convém pontuar, devem-se excelentes páginas sobre a arte da pregação consignadas no IV livro do seu tratado *Sobre a doutrina cristã*⁶.

Bem estabelecida, uma longa tradição associara *praelatio* e *praedicatio*, vale dizer, episcopado (ou jurisdição) e pregação⁷. Santo Tomás, de fato, considerava o ensino como o mais importante ofício, *officium principalissimum*, dos Apóstolos (III, q.67, a.2 c), e, por isso, devia sê-lo também para os seus sucessores. Emaranhados, porém, nas redes da política feudal, os bispos nem sempre se mostravam bastante atentos a esse múnus caritativo. Não bastasse isso, o clero paroquial, de formação precária, mostrava-se inapto para uma catequese que fizesse jus às suas responsabilidades. Em face de tal abandono, já desde princípios do século XII muitos leigos chamaram para si o encargo da pregação, não faltando naturalmente quem os tomasse por usurpadores do ministério eclesiástico. Certa etimologia fantástica corrente à época fazia *laicus* (leigo) derivar de *lapis* (pedra), pois, dizia-se, o “leigo é duro e estranho ao co-

6 *De doctrina Christiana*: PL 34, 90-122.

7 As mulheres que exerciam alguma jurisdição também podiam pregar regularmente, não só para as suas religiosas, mas também para o povo. Citemos como exemplo Hildegarda de Bingen, que pregou com veemência contra os cátaros (P. TIMKO. Hildegard of Bingen against the Cathars. *American Benedictine Review*: Atchinson (Kansas), 52.2, p.191-205, 2001).

nhecimento das letras”. Pouco ou nada entendendo de regularidade canônica, muitos fiéis passaram a ver nos pregadores leigos a solução universal de suas urgências. Com frequência, da crítica aos costumes passava-se à heresia, e o donatismo ressurgiu forte entre os seguidores de Arnaldo de Brescia (†1155) e Pedro Valdo (†1217). Sobrevieram, enfim, as censuras eclesiásticas, em 1179 com Alexandre III e, em 1184, com Lúcio III, que proibiram a pregação leiga sem licença episcopal. Na verdade, os *Statuta ecclesiae antiqua* (séc. V), que foram incluídos no Decreto de Graciano (1140), permitiam que os leigos pregassem em presença do clero, ou seja, os pregadores leigos gozavam de uma *licentia praedicandi* mais ou menos formal que lhes foi restringida em razão do caos suscitado pelas seitas. Embora com características bem distintas, arnaldistas, valdenses, cátaros e dolcinianos – as principais correntes heréticas da época – souberam tirar proveito do crescente mal-estar dos fiéis que, apinhados nos grandes burgos comerciais e manufatureiros, passaram a ser o ambiente ideal para a fermentação religiosa. Para se ter ideia do fervor daqueles tempos, Tiago de Vitry (†1240) contou, na Milão de 1216, mais de cento e cinquenta comunidades de “*umiliati*” que congregavam leigos e clérigos. Mas nem tudo era devoção: estudos recentes sugerem um cepticismo bastante moderno grassando em muitas partes.



A saudação do Anjo é tecida com fios do Antigo Testamento, especialmente do profeta Sofonias. Ela faz ver que Maria, humilde mulher de província que provém de uma estirpe sacerdotal e traz em si o grande patrimônio sacerdotal de Israel, é o "resto santo" de Israel ao qual os profetas em todos os períodos de dificuldades e de trevas, fizeram referência. Nela está presente a verdadeira Sião, a pura e vivente morada de Deus. Nela habita o Senhor, e nela encontra o lugar de seu repouso. Ela é a casa viva de Deus, o Qual não habita em edifícios de pedra, mas no coração do homem vivo. Ela é o rebento que, na obscura noite invernal da história, brota do tronco abatido de Davi. É nela que se cumpre a palavra do Salmo: "A terra produziu o seu fruto" (67, 7). Ela é o botão do qual deriva a árvore da redenção e dos redimidos. Deus não fracassou, como podia parecer já no início da história com Adão e Eva, como parecia no período do exílio babilônico, e como parecia no tempo de Maria, quando Israel se tornou definitivamente um povo sem importância numa região ocupada, com poucos sinais reconhecíveis da sua santidade. Deus não fracassou. Na humildade da casa de Nazaré vive Israel santo, o resto puro. Deus salvou e salva o seu povo. Do tronco abatido resplandece de novo a sua história, tornando-se uma nova força que orienta e impregna o mundo. Maria é o Israel santo; ela diz "Sim" ao Senhor, coloca-se plenamente à sua disposição e se torna assim o templo vivo de Deus.

IN SALUTATIONEM ANGELICAM

vulgo *Ave Maria Expositio*¹

Prologus

1110- In salutatione ista continentur tria. Unam partem fecit Angelus, scilicet ave gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus. Aliam partem fecit Elisabeth, mater Joannis Baptistae, scilicet benedictus fructus ventris tui. Tertiam partem addidit Ecclesia, scilicet Maria: nam Angelus non dixit, ave Maria, sed ave, gratia plena. Et hoc nomen, scilicet Maria, secundum suam interpretationem convenit dictis Angeli, sicut patebit.

¹ Texto latino e divisão de parágrafos segundo a Edição Marietti: Spiazzi, R. et Calcaterra, M. *Opuscula Theologica. De re spirituali*. Vol.2 : Romae-Taurini, pp. 239-241, 1954.

PRÓLOGO¹
DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

Essa Saudação contém três partes. A primeira foi feita pelo Anjo: “**Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo**” (Lc 1, 28). A segunda, por Isabel, mãe de João Batista: “**bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre**” (Lc 1, 42). A terceira parte foi acrescentada pela Igreja, a saber, o nome Maria, pois o Anjo não disse “**Ave, Maria**”, mas “**Ave, cheia de graça**”^[1]. E, como ficará claro, o significado desse nome, “**Maria**”, convém às palavras do Anjo.

1 Nota editorial: O texto latino encontra-se nas diversas edições tipográficas dos “Opúsculos Teológicos” de Tomás de Aquino. Servimo-nos do texto estabelecido pela Edição Marietti: *In salutationem angelicam vulgo Ave Maria Expositio*. (In: R. Spiazzi. e M. Calcaterra. *Opuscula Theologica. De re spirituali*. Vol.2: Romae-Taurini, p. 239-241, 1954). Seguimos a divisão e os números dos parágrafos constantes nessa Edição. O critério de tradução foi o da máxima literalidade que comportava o texto em Português. Mantiveram-se as repetições e formas pleonásticas. Breves locuções (v.g. “por isso, lhe atribuímos essa profecia...”), inexistentes no texto latino, foram antepostas às citações bíblicas a fim de se fazer o encadeamento do texto.

Ave

1111- *Est ergo circa primum considerandum, quod antiquitus erat valde magnum quod Angeli apparerent hominibus; vel quod homines facerent eis reverentiam, habebant pro maxima laude. Unde et ad laudem Abrahae scribitur, quod recepit Angelos hospitio, et quod exhibuit eis reverentiam. Quod autem Angelus faceret homini reverentiam, nunquam fuit auditum, nisi postquam salutavit Beatam Virginem, reverenter dicens, ave.*

1112- *Quod autem antiquitus non reverebatur hominem Angelus, sed homo Angelum, ratio est, quia Angelus erat maior homine; et hoc quantum ad tria.*

Primo quantum ad dignitatem: ratio est, Angelus est naturae spiritualis. Psal. Ciii, 4: qui facit Angelos suos spiritus; homo vero est naturae corruptibilis: unde dicebat Abraham (Gen. XVIII, 27): loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis et cinis.

A SAUDAÇÃO DO ANJO

“Ave”

1111- Sobre a primeira parte, devemos considerar que, na Antiguidade, considerava-se um acontecimento muito grande que os anjos aparecessem aos homens, que tinham por inestimável honra prestar-lhes reverência. Por isso também, em louvor de Abraão se escreveu que hospedou anjos em casa, e lhes manifestou reverência (Gn 18, 2). Mas nunca se ouviu dizer que um anjo tivesse reverenciado um ser humano até que o Anjo saudou a Bem-aventurada Virgem Maria dizendo reverentemente ^[2]: “Ave”.

1112- Que na Antiguidade o anjo não tivesse reverenciado o homem, mas sim o contrário, explica-se pelo fato de que o anjo superava o homem em três aspectos ^[3]:

Primeiro, pela dignidade da sua natureza, que é puramente espiritual, conforme diz o Salmo: “**dos ventos fazes os Teus mensageiros**” (103, 4). O homem, porém, é de natureza corruptível, como o reconhecia Abraão: “**falarei ao meu Senhor, ainda que eu seja pó e cinza**” (Gn 18, 27).

*Non ergo erat decens
ut spiritualis et incorruptibilis creatura
reverentiam exhiberet corruptibili,
scilicet homini.*

*Secundo quantum ad familiaritatem ad
Deum. Nam Angelus est Deo familiaris,
utpote assistens. Dan. VII, 10: millia millium
ministrabant ei, et decies millies centena
millia assistebant ei. Homo vero est quasi
extraneus, et elongatus a Deo per peccatum.
Psal. LIV, 8: elongavi fugiens.
Ideo conveniens est ut homo vereatur
Angelum, utpote propinquum
et familiarem regis.*

*Tertio praeeminebat propter plenitudinem
splendoris gratiae divinae: Angeli enim
participant ipsum lumen divinum in summa
plenitudine. Iob. XXV, 3: nunquid est numerus
militum eius, et super quem non surget lumen
eius? et ideo semper apparet cum lumine.
Sed homines, etsi aliquid participant
de ipso lumine gratiae, parum tamen,
et in obscuritate quadam.*

Não era conveniente, portanto, que a criatura puramente espiritual e incorruptível demonstrasse reverência àquela que é corruptível, a saber, o homem.

Segundo, por sua familiaridade com Deus^[4], pois, sendo seu auxiliar, o anjo Lhe é íntimo, conforme se lê em Daniel (7, 10): “**milhares de milhares O servem, inumeráveis são os que assistem diante d’Ele**” ^[5]. Porém, pelo pecado, o homem se fez como que estranho e exilado de Deus, como o confessava o Salmista: “**fugi para longe e permaneci no deserto**” (Sl 54, 8). Era conveniente, portanto, que o anjo, que é próximo e familiar ao Rei, fosse reverenciado pelo homem.

Terceiro, o anjo era superior por causa da plenitude do esplendor da graça divina. Com efeito, os anjos participam da luz divina na suma plenitude, conforme se lê no livro de Jó: “**porventura têm número as suas milícias? E sobre quem é que não se levanta a sua luz?**” (25, 3). Eis por que os anjos sempre aparecem revestidos de luz^[6]. Os homens, porém, ainda que participem da luz da graça, fazem-no num grau muito menor e com certa obscuridade.